

# Cúpula reforça prestígio internacional de FHC

*Condição de anfitrião de encontro sul-americano é visto nos EUA como expressão de poder*

STEPHEN BUCKLEY  
Washington Post

**B**RASÍLIA - Em uma pequena reunião de líderes mundiais realizada na Itália, em novembro, o presidente Fernando Henrique Cardoso destacou-se, com orgulho, como o único chefe de Estado do mundo em desenvolvimento a estar por perto para ponderar idéias grandiosas com pessoas como o presidente Bill Clinton e o primeiro-ministro Tony Blair, da Grã-Bretanha.

Na hoje mal-afamada conferência da Organização Mundial de Comércio realizada em Seattle, no mês seguinte, o Brasil usou de sua influência para ajudar a atenuar as tentativas de alguns países industrializados ricos de forçar a adoção de padrões de trabalho mais rígidos nos países mais pobres, onde os empresários mais ricos do mundo se estabeleceram em busca de trabalhadores que ganham pouco. E, ainda este mês, o Brasil será o anfitrião de um conferência de cúpula dos presidentes sul-americanos, com a duração de dois dias. Obra intelectual de Fernando Henrique, esse é o primeiro evento desse tipo e foi recebido, em Washington, como o sinal mais recente do florescente papel do Brasil como líder diplomático regional.

Quer se trate da popularidade de Fernando Henrique no cenário internacional, da liderança econômica do Brasil entre as nações em desenvolvimento, ou da emergência do País como a voz diplomática mais forte na sua região, esses são dias inebriantes para o maior e mais populoso país da América Latina. Na opinião de funcionários de alto escalão do Brasil, um nível sem precedentes de influência regional e internacional, combinado com os progressos realizados em relação aos problemas sociais domésticos, ajudaram o País a libertar-se, finalmente, da reputação de um gigante cujas realizações estavam abaixo das expectativas e, de acordo com um famoso insulto, que "tem um grande futuro, e sempre terá." "O Brasil conquistou respeito por suas posições internacionais, seus objetivos internacionais," disse o ministro das Relações Exteriores Luiz Felipe Lampreia, em uma conversa que refletiu a nova confiança rei-

nante aqui. "Temos de ser levados a sério."

O Brasil "tornou-se um portavoiz, um participante importante para o mundo em desenvolvimento," disse Anthony S. Harrington, embaixador dos Estados Unidos no Brasil. "Mas (ele) também participa dos conselhos do Primeiro Mundo; é extraordinário o quanto Fernando Henrique é convidado a participar, e participa, das deliberações mais amplas."

Vários fatores explicam a mudança da reputação do Brasil. Além de estar finalmente atacando suas legendárias desigualdades sociais, desfruta de estabilidade econômica e política ao mesmo tempo, uma raridade na sua história moderna. Outro fator de crucial importância é o fato de que, liderados por Fernando Henrique, os funcionários de mais alto nível do Brasil se destacam como os mais brilhantes em mais de uma geração.

Durante a maior parte do século 20, esse país luxuriante, do tamanho de um continente, famoso pelo samba, futebol e por suas praias brilhantes, também era conhecido pelas deficiências monumentais em virtualmente todas as demais áreas. O País sofreu com a ditadura militar e com uma liderança civil fraca, problemas sociais aparentemente insolúveis e índices de inflação anual de quatro dígitos.

Mas hoje o Plano Real, criado há seis anos, que a princípio vinculou, oficiosamente, a moeda brasileira, o real, ao dólar dos Estados Unidos, reduziu a inflação a apenas dois dígitos. Essa é, em parte, a razão pela qual os investimentos estrangeiros bateram o recorde, chegando a US\$ 32 bilhões no ano passado, mesmo após uma desvalorização confusa, que a princípio atingiu duramente os mercados do Brasil.

"Provamos que não somos só uma grande economia, mas também uma economia com estabilidade," disse Sérgio Werlang, diretor de Política Econômica do Banco Central. "E isso fez uma diferença enorme." A desvalorização difícil reduziu a cotação de Fernando Henrique, no setor interno, ao nível do chão - ela permanece abaixo de 20% -, mas os chefes de Estado abraçaram o ex-professor de sociologia erudito, poliglota, de um modo que quase não se tinha ouvido falar, no caso de um líder de país em desenvolvimento. Essa popularidade explica, em grande parte, o convite para que Fernando Henrique participasse, no ano passado, da confe-

rência realizada em Florença por cinco líderes mundiais que descrevem sua política como a "Terceira Via" entre o conservadorismo e o liberalismo.

Os brasileiros insistem em afirmar que são perseguidos pela má sorte, mas os analistas dizem que a ascensão de Fernando Henrique não poderia ter ocorrido em uma época mais auspiciosa. As vitórias do erudito-político de 1994 e 1998 ocorreram depois de 20 anos de ditadura militar e de uma série de presidentes que foram ineficientes ou corruptos. Sua primeira eleição direta ocorreu após a queda de Fernando Collor, que renunciou em 1992, depois de ter sofrido impeachment pelo papel que desempenhou em um sistema de corrupção que, mesmo para o Brasil, foi espantoso; em vista de sua impudência e amplitude.

No período decorrido entre os últimos anos da ditadura militar, que caiu em 1985, e a eleição de Fernando Henrique, o País "teve uma série de presidentes que foram absolutamente devastadores no impacto que tiveram sobre a imagem internacional do Brasil," declarou Roridan Roefft, perito em assuntos relativos ao Brasil, da Escola John Hopkins de Estudos Internacionais Avançados, em Washington. Ademais, Jorge Navarro, embaixador do México no Brasil, disse que Fernando Henrique, ex-marxista, "não está ligado às idéias do passado a respeito dos desafios de hoje." Na conferência realizada pela Organização Mundial de Comércio, em dezembro, o Brasil uniu-se ao Egito e à Índia no desa-

fio aos esforços liderados pelos Estados Unidos para iniciar discussões sobre o estabelecimento de padrões de trabalho mais rígidos no mundo todo, com a idéia de que os países pobres precisam de empregos, antes, para se preocuparem com os padrões depois. E, nas semanas recentes, o Brasil clamou pela criação de um banco de dados internacional para permitir que os países mais pobres tivessem opções na compra de remédios, em uma tentativa de romper o domínio dos países desenvolvidos sobre o mercado farmacêutico mundial.

Ao mesmo tempo, o Brasil ampliou seu alcance regional na

década de 90, deixando de lado uma política de relativo isolamento econômico e diplomático, que durou décadas. O país ancorou o crescimento em um bloco de comércio integrado por quatro nações, o Mercosul. Ajudou a resolver a disputa fronteiriça entre Equador e Peru em 1998, e, mais recentemente, desempenhou papel notório nas eleições do Peru, negando-se a unir-se a outros países nas críticas à controversa eleição. Ele fortaleceu as ligações com países latino-americanos mais distantes, como o México, e atualmente planeja ser anfitrião da conferência dos líderes de 11 países da América do Sul, para discutir questões críticas para a região.

Lampreia e outros funcionários do governo admitem que o Brasil aumentou sua estatua internacional, mas não apagou sua imagem de país dividido por profundas desigualdades sociais. Contudo, mesmo nessa frente, os brasileiros estão otimistas.

De acordo com relatórios da ONU e estatísticas do governo, o Brasil fez grandes progressos em relação a uma série de problemas sociais. O número de jovens usados no trabalho infantil baixou de mais de 4 milhões no início da década de 90, para 2,9 milhões atualmente. A porcentagem de brasileiros que contam com serviços básicos, como sistemas de esgotos e eletricidade, aumentou sistematicamente na última década. E desde a década de 80, quando apenas 65% das crianças brasileiras iam regularmente à escola primária, o índice de frequência aumentou para 95%.

Agora, dizem os analistas, o Brasil precisa ir adiante com a reforma fiscal e tributária, de importância crítica, e conter a grande corrupção fiscal. Uma série de escândalos - inclusive um envolvendo um amigo de Fernando Henrique de há muito tempo - abriu novamente, de acordo com o historiador Kenneth Maxwell, "a imagem inteira" do passado do Brasil de nação cujas realizações estavam abaixo das expectativas.

Não obstante, disse Ollie Johnson, perito em Brasil da Universidade de Maryland, "agora tem-se a sensação de que eles são um país mais viável, que está tentando superar os seus problemas; eles afirmam que querem sentar-se à grande mesa."

**E**STABILIDADE  
ECONÔMICA  
EXPLICA NOVA  
REPUTAÇÃO

**B**ASIL  
CONQUISTOU  
CONFIANÇA  
EXTERNA